

JOAQUIM NORBERTO DE SOUSA SILVA E JUAN MARÍA GUTIÉRREZ: CRÍTICA LITERÁRIA E POLÍTICA NO INÍCIO DO SÉCULO XIX NO BRASIL E NA ARGENTINA

Marcelo Freddi LOTUFO*

- **RESUMO:** Este trabalho procura explorar, através de um estudo comparado entre as literaturas românticas brasileira e argentina, no início do século XIX, o papel que os diferentes contextos políticos destes países exerceram para suas vidas letradas. Focando nos trabalhos dos críticos literários Joaquim Norberto e Juan María Gutiérrez e em suas relações com seus governos, tentamos entender como as literaturas de cada país, no período analisado, foram afetadas pelo apoio e repulsa oficiais.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Romantismo. Brasil e Argentina. Joaquim Norberto de Sousa Silva. Juan María Gutiérrez. Literatura e política.

Introdução

Em anos recentes tem havido grande interesse na relação entre o Brasil e a América Hispânica, um campo ainda pouco explorado dos estudos comparados (NEWCOMB, 2012, p. 1-6). Dentro desta aproximação entre as Américas portuguesa e espanhola, a relação entre Brasil e Argentina parece ser de especial interesse. A proximidade geográfica e histórica dos dois países faz deste binômio um campo privilegiado para os estudos comparados e, por isto, vem ganhando atenção extra em anos recentes. Estudos como os das argentinas Florencia Garramuño (2007), *Modernidades primitivas: tango, samba y nación*, de Beatriz Amante (2010), *Poéticas y políticas del destierro: argentinos en Brasil en la época de Rosas*, ou dos brasileiros Sergio Miceli (2012), *Vanguardas em retrocesso*, e o ensaio de Maria Eunice Moreira (2013), “Hermanos e irmãos: as relações literárias entre românticos argentinos e brasileiros durante o romantismo”, são somente alguns exemplos. Pensar a relação entre Brasil e Argentina é pensar a articulação entre o geral e o particular, isto é, refletir como as semelhanças

* Brown – Brown University. Departamento de Literatura Comparada. Providence – RI – Estados Unidos da América. 02912 – Marcelo_Lotufo@brown.edu

e divergências destas tradições explicam os processos pelos quais literaturas periféricas historicamente transformaram as influências e modelos centrais, criando suas próprias tradições, todas elas relacionadas às das matrizes europeias, mas, ainda assim, independentes¹. Para entender estes processos, entretanto, é necessário olharmos para o início destas tradições e estudarmos como, nestes momentos formativos, estes países lidavam tanto com elementos e influências semelhantes, como com realidades particulares (ou locais) diversas, que levavam à criação de literaturas bastante diferentes. Este ensaio procura entender, através de um estudo comparativo dos dois principais críticos do início do século XIX de cada país – Juan María Gutiérrez (1809-1878) e Joaquim Norberto de Sousa Silva (1820-1891) – as semelhanças e divergências entre estas duas tradições no século XIX.

Diante disso, através deste estudo, queremos mostrar como no início destas tradições as diferenças políticas destes países foram fundamentais para o estabelecimento dos horizontes de possibilidade de suas literaturas. De modo geral, pretendemos mostrar através dos trabalhos do brasileiro Norberto e do argentino Gutiérrez como, mesmo trabalhando para atingir objetivos semelhantes, a saber, o de consolidar suas independências políticas e culturais ante as suas metrópoles coloniais (Portugal e Espanha), os desenvolvimentos políticos imediatos em cada país levaram os críticos a produzirem obras bastante diferentes, pois determinou a relação que as elites letradas teriam com os centros de poderes em seus respectivos países. Em um momento onde livros eram de difícil acesso e a cultura letrada ainda patinava na região, o trabalho de coletar, organizar e publicar a literatura de seus países foi de suma importância (CANDIDO, 2007, p. 662-669) e obteve um caráter político.

Norberto, por exemplo, além de escrever a biografia de inúmeros escritores coloniais brasileiros, apontando para a existência de uma tradição local que ia além da recente independência política, também organizou, em 1870, a poesia de Gonçalves Dias (1823-1864), o principal poeta brasileiro do período. E, de acordo com Silvio Romero (apud MOREIRA, 2014), já na virada do século dezanove para o vinte, era “[...] impossível escrever a história, principalmente a história literária do Brasil, sem recorrer às publicações deste laborioso escritor [Norberto].” A obra do argentino Gutiérrez, produzida em um contexto semelhante ao de Norberto, tem grande semelhanças com a deste. Gutiérrez publicou, por exemplo, ensaios sobre a geração argentina de 1810, coletâneas de poetas coloniais latino-americanos e a obra completa do poeta argentino Esteban Echeverría, em 1870. Nas palavras de Pedro Luis Barcia (1999, p. 110), Gutiérrez

¹ Sigo aqui, *mutatis mutandis*, as formulações e o vocabulário da teoria da dependência como desenvolvidos em Cardoso e Faletto (1973). Para uma leitura literária da mesma problemática ver Schwarz (2000).

[...] *se propuso una tarea orgánica de reconstruir nuestra cultura, aporcando los elementos que la constituían y rescatando de la desmemoria lo que se hubiera marginado [...] y se aplicó a trazar la historia cultural y literaria argentina, como un proceso de continuidad complejo y lento, pero posible de ser conocido y expuesto.*

Organizando as literaturas de seus países, ambos os críticos começaram a ordenar suas tradições, entendidas como a sequência e influência de uma geração sobre as seguintes, e prepararam o campo para o trabalho dos críticos e escritores que vieram depois deles, seja oferecendo suas leituras da realidade latino-americana, seja disponibilizando textos que, até então, eram de difícil acesso.

Além deste importante trabalho organizativo, ambos os autores foram essenciais na formação dos ideários nacionais de seus países, algo extremamente importante para as constituições de seus estados nações (ANDERSON, 2006, p. 37-46). Escrevendo em um momento onde escritores, segundo Doris Sommer (1991, p. 7), eram “[...] *encouraged both by the need to fill in a history that would help to establish the legitimacy of the emerging nation and by the opportunity to direct that history toward a future ideal [...]*”, Gutiérrez e Norberto usaram seus trabalhos como críticos literários para justificar e avançar os projetos nacionais de suas gerações. O interesse pelos nativos da América como um *topos* literário, o indianismo, por exemplo, foi uma das diversas maneiras pelas quais estes críticos argumentaram em favor da existência de uma cultura específica das Américas e defenderam suas independências culturais e políticas.

Seguindo os trabalhos de escritores como o francês François-Rene de Chateaubriand (1768-1848) e o suíço Ferdinand Denis (1798-1890), entre outros, ambos os críticos defenderam a existência de antigas tradições poéticas americanas, que remontavam às civilizações originárias do continente e, portanto, não dependiam da cultura dos colonizadores. Nas palavras de Gutiérrez ([19--], p. 2), “[...] *la elocuencia y la poesía fueron cultivadas por los súbditos de Montezuma y Atahualpa, siglo antes que la civilización europea echara en molde cristiano, la inteligencia y la imaginación de mejicanos y peruanos [...]*” e, portanto, seriam independentes da cultura ibérica. Norberto (SILVA, 2001, p. 174), no Brasil, propôs um movimento semelhante, afirmando que os “[...] tamoios foram entre todos os povos primitivos do Brasil, os que mais se distinguiram no cultivo da poesia, e eram eles porventura os que habitavam a mais poética de todas as situações do país [...]” e, com a organização e canonização da poesia de Gonçalves Dias, colocaria tal leitura indianista no centro da jovem tradição nacional.

Em conjunto com o interesse pela história antiga da América e de seus habitantes originários, e ainda como forma de defender a necessidade de, seguindo a independência política de seus países, pensarem suas culturas de forma independente em relação as suas antigas metrópoles, Norberto e Gutiérrez

investiram em uma leitura das especificidades naturais de seus países. Seguindo os franceses Chateaubriand e Madame de Staël (1766-1817), entre outros, ambos os críticos defenderam a influência do novo continente e principalmente de sua natureza e geografia na formação de suas identidades e culturas nacionais. Para Norberto (SILVA, 2001, p. 33), “[...] o céu benigno, sob cuja influência nascera [o Brasil], o ar suave que o vivifica, a imensidade dos seus rios, a magnificência de seus portos e baías, a majestade de suas florestas [...]” pedia uma literatura diferente da produzida na Europa. Se a literatura, como se pensava então, dependia das influências do clima e da natureza, uma realidade tão diversa como a das Américas pediria, necessariamente, uma nova literatura, original e, portanto, diferente das matrizes coloniais. Argumento semelhante seria feito por Gutiérrez ([19--]), que afirmaria ser a América o lugar natural para a nova literatura – para o Romantismo – que, além de ser associada à França e não aos colonizadores ibéricos, já possuía, através do próprio Chateaubriand e de Bernardin de Saint Pierre (1737-1814), uma forte relação com a natureza do Novo Continente. Associando a existência de uma cultura original da região do Rio do Prata e pedindo para que a nova cultura se afastasse dos modelos neoclássicos trazidos pelos colonizadores, Gutiérrez (1918, p. 75) defenderia ser a América um “[...] *terreno preparado hasta por la naturaleza, para que sólo germinase en él con vigor la semilla de lo que es nuevo y peculiar a las sociedades modernas.*” Para ambos os críticos, portanto, a natureza particular da região, associada ao novo e ao exuberante, era uma maneira de defender a independência cultural do continente e, conseqüentemente, sua independência política, sendo um elemento central da cultura romântica que se estabeleceu após as independências políticas destes países.

A necessidade de defender a independência de seus países une, portanto, ambos os críticos literários e, se quisermos expandir, os movimentos românticos dos dois países. É preciso reconhecer, entretanto, que se existe esta semelhança entre os modelos utilizados e a necessidade de defender suas independências culturais e políticas, também existem importantes diferenças entre estes movimentos românticos. Diferenças que, tanto quanto as semelhanças, serão centrais para o desenvolvimento das culturas letradas de ambos os países, definindo os caminhos que estas tradições tomarão no decorrer do século XIX.

Se pensarmos as literaturas periféricas (isto é, ao menos no século dezenove, as literaturas fora do eixo Estados Unidos - Europa) como uma articulação entre problemas gerais e realidades locais, como o fez Roberto Schwarz (2000) em sua conhecida formulação das “ideias fora do lugar”, seria um equívoco enfatizarmos nos processos de formação destas literaturas somente suas semelhanças de nível macro – isto é, as diferenças entre os modelos utilizados aqui e na Europa e o papel periférico que os dois países possuíam nos âmbitos cultural, político ou econômico. Pois assim ignoraríamos suas diferenças e mediações específicas (ou locais), principalmente, seus meios de produções próprios e suas realidades

políticas específicas. O erro seria grave, pois seriam exatamente estas diferenças que balizariam os desenvolvimentos particulares de cada país; ou seja, seriam estas diferenças que, em grande parte, e além do elemento de imprevisibilidade do gênio de cada indivíduo, poderiam explicar os diferentes rumos que estas novas tradições assumiriam. Comparar países periféricos como Brasil e Argentina, portanto, é uma forma para se entender os processos complexos pelos quais estas literaturas periféricas recebem, pensam e desenvolvem influências centrais, fazendo sua uma cultura que, originariamente, era de outrem.

No caso do Brasil e Argentina, a maior diferença entre os dois países na primeira metade do século dezenove são as configurações políticas que cada país adotará após suas independências políticas, em 1822 e 1810, respectivamente. Isto é, as diferentes formas de governos que os países estabelecem após suas independências e, principalmente, a relação que os poderes estabelecidos estabelecerão com a cidade letrada de cada país (RAMA, 1998, p. 31-43), o que será crucial para a definição do tom que os movimentos românticos tomarão e para a definição de seus horizontes políticos. Grosso modo, se no Brasil Dom Pedro II trazia, após um período turbulento de revoltas durante a regência, certa estabilidade e, com a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1838, se tornava peça central da vida intelectual do país, se firmando como seu maior mecenas; na Argentina, a realidade era quase oposta. Grande parte do século XIX foi dominada pela sucessão de caudilhos, com ênfase para Juan Manuel Rosas (1793-1877) e sua ditadura, que durou quase 20 anos (1835-1852) e perseguiu a geração de românticos que se organizara em 1837 nos saraus de Marcos Sastre (1808-1887) e da qual Gutiérrez era um dos expoentes. Não por acaso quase a totalidade dos escritores e pensadores desta geração foram obrigados a rumar para o exílio durante o Governo de Juan Manuel Rosas, estabelecendo-se em países como Uruguai, Chile, França e Brasil. Nas palavras de Ricardo Rojas (1925), esta seria uma geração proscrita, marcada em seus anos de formação pela experiência do exílio político. De acordo com Adriana Amante (2010, p. 38), as diferenças entre Brasil e Argentina poderiam ser explicitadas da seguinte maneira:

[...] en Argentina, Rosas es la condición di posibilidad más fuerte para el romanticismo, en la medida en que el sistema rosista permite pensar – desde el punto de vista de los románticos – la producción intelectual como contrapoder. En Brasil parecería no haber desajustes y oposiciones políticas a la monarquía como motores del movimiento.

Assim, ao passo que Norberto, junto com a justificativa pela independência do Brasil, defende o governo imperial, Gutiérrez é marcado pela oposição à ditadura de Rosas, entendendo-a como uma continuação do autoritarismo colonial, ainda que agora mascarado como um governo local e democrático. A importância

desta diferença política para os movimentos românticos de cada país fica clara se olharmos como cada crítico irá articular sua leitura do passado com a sua realidade contemporânea. Se, por um lado, Norberto exalta o Arcadismo brasileiro e, principalmente, os personagens envolvidos na inconfidência mineira, como Claudio Manuel da Costa (1729-1789) e Tomas Antônio Gonzaga (1744-1793), mostrando que a história da literatura brasileira se estende além de 1822 e merece ser estudada de forma independente; ele também conecta a revolta mineira e seu movimento literário com o governo imperial que, a seu ver, era o responsável pela independência política do país, ainda que, de uma perspectiva mais crítica, este governo pudesse ser entendido como continuidade com o período colonial, uma vez que era a mesma monarquia, transplantada de Portugal para as Américas em 1808, que continuava no poder.

Era esta, por exemplo, a leitura do Argentino Gutiérrez, como veremos a seguir. Ao falar do martírio de Tiradentes, o herói da inconfidência, Norberto escreve que

[...] vinte nove anos depois jurava-se a constituição aí nessa praça, onde o patíbulo se erguera bem alto, para ser visto de todos! E hoje a estátua equestre do herói do Ipiranga se levanta simbolizando na pessoa do imperador a independência pela qual deu aí mesmo, nesse lugar, o seu último suspiro o seu primeiro mártir [isto é, Tiradentes]. (SILVA, 2005, p. 45).

Assim, Norberto conecta o império com a revolta republicana de 1789, não sem certa ironia, já que fora esta mesma dinastia que na ocasião perseguira os revoltosos. De qualquer forma, associando a monarquia com a inconfidência mineira, mesmo que de forma fictícia, Norberto oferece uma justificação ideológica para a monarquia que, não por acaso, o empregava.

Assim como Norberto via na inconfidência mineira um símbolo da independência nacional brasileira, Gutiérrez olhava para a geração argentina de 1810 e, principalmente, para Juan Cruz Varela (1794-1839), como uma geração de intelectuais que lutaram pela independência da Argentina e que precisava ser resgata pelo romantismo local, uma vez que estes também lutavam para a independência (agora cultural) em relação à Espanha e também contra a ditadura de Rosas. Neste sentido, Gutiérrez (1918, p. 224) afirma ter sido a literatura de 1810 um “[...] *triunfo tan indispensable para completar la vida emancipada de la nueva soberanía democrática, como el conseguido definitivamente por el valor y las armas.*” Mas, contrariamente a Norberto, Gutiérrez não vê no passado argentino uma justificativa para seu presente, mas sim o contrário: uma prova de que o governo de Rosas abandonara os sonhos de um república liberal e ilustrada pela qual lutara a geração de 1810 e o governo de Bernardino Rivadavia (1780-1845), que durou somente dois anos (1826-1827). Não é à toa que os jovens românticos argentinos, incluindo Gutiérrez, fundariam a associação de maio como um órgão para se organizarem

contra o governo de Rosas, fazendo referência exatamente a maio de 1810, data comemorativa da independência argentina e mostrando a incompatibilidade destes ideais com o governo do período². Para o crítico argentino, “[...] *con Mármol, con Echeverría y con los muchos otros herederos del pensamiento y de las pasiones de la revolución [...]*” (GUTIÉRREZ, 1979b, p. 33), o movimento romântico argentino precisava lutar pelo fim da ditadura de Rosas e por uma volta aos princípios de 1810, isto é, deviam

[...] reemplazar la acción y el poder de las personas, por la acción y el poder de las ideas, y dar la rienda del gobierno no a los expedientes que dicta la urgencia del momento, sino a un sistema administrativo “democrático”, es decir, en que participara el mayor número en el manejo de los intereses comunes. (GUTIÉRREZ, 1979b, p. 111).

Assim, Gutiérrez utiliza sua leitura de 1810 não para justificar o poder central, como fizera Norberto no Brasil com sua leitura de 1789, mas para combater um governo que, afinal, perseguira a sua geração de intelectuais e os ideais liberais que eles representavam. As relações de cada crítico com os poderes estabelecidos em seus países, portanto, seria o elemento que, dentro das propostas românticas semelhantes que estes autores traziam, com grande influência francesa, levariam-nos a dois caminhos diferentes, dando um caráter particular aos movimentos que estes críticos e suas gerações fundavam em seus respectivos países.

Norberto olha a Argentina. Gutiérrez olha o Brasil.

Uma maneira de entendermos como estas diferenças políticas afetaram o desenvolvimento dos respectivos movimentos românticos em cada país e o papel que tiveram na formação destas duas gerações de intelectuais é olhando para o que cada um destes dois críticos escreveu sobre a literatura do outro país e como, já no século XIX, entendiam e lidavam com suas diferenças políticas. Norberto e Gutiérrez estão entre os primeiros intelectuais (ou, ao menos, os primeiros críticos literários e historiadores) a proporem estudos comparativos entre Brasil e Argentina e a estabelecerem alguma forma de diálogo entre intelectuais dos dois países. Além de se conhecerem brevemente na primeira metade do século XIX, cada crítico também publicou um texto sobre a literatura nacional de seu país vizinho. Gutiérrez encontrara com o crítico brasileiro quando exilado no Rio de Janeiro, enquanto Norberto o cita em diversos de seus textos, além de outros de seus compatriotas, como José Mármol (1811-1871) e Esteban Echeverría (1805-1851), utilizando-os para provar a existência de uma literatura e tradição crítica americana (ver SILVA,

² Para mais, ver Weinberg (1954).

2001, p. 137 e p. 331). Nestes dois textos, os autores reconhecem as semelhanças entre suas tradições nascentes, mas também, como pretendo mostrar, enfatizam as diferenças entre seus projetos. De certa forma, estes textos deixam claro como as diferentes posições políticas e o relacionamento com o poder (ou com o Estado) dos intelectuais em cada contexto foi central para o tipo de crítica literária que estes autores vieram a produzir e para o uso específico que fizeram de ideias românticas e liberais importadas da Europa e dos Estados Unidos durante a primeira metade do século dezanove.

Em 1844, Norberto publica na revista *Minerva Brasiliense* (1843-1845) um ensaio intitulado “Indagações sobre a literatura argentina contemporânea”. Um breve estudo panorâmico sobre a literatura argentina produzida depois da independência política daquele país, o ensaio do crítico brasileiro teve um caráter pioneiro. Em seu texto, Norberto reconhece o avanço que sofrera o continente americano após o ciclo de independências políticas no início do século dezanove e, assim como argumentara para o Brasil, afirma existir na argentina um paralelo entre a independência política do país e sua independência cultural em relação à Espanha. “Digno eh,” escreve Norberto, “[...] por certo de se notar o progresso brilhante e florescente que essas nações americanas, ainda hontem escravas e já hoje livres, oferecem na marcha de seu desenvolvimento intelectual.” (SILVA, 1844, p. 294). E, repetindo o argumento que também usaria para o caso brasileiro, culpa o colonizador por reprimir “o talento dos gênios das matas americanas” e diz que somente depois “[d]a brilhante proclamação da independência da província unida do rio da prata” (SILVA, 1844, p. 294-295) a Argentina foi capaz de tomar um rumo político e literário que a levaria a sua merecida grandeza americana.

Há também na leitura que faz Norberto da tradição argentina neste ensaio um eco da leitura proposta por Gutiérrez para a geração de 1810, já abordada por nós, como um movimento tanto de louvá-los como artífices da independência argentina como de criticá-los pela sua literatura neoclássica ainda bastante ligada aos padrões estéticos importados através das colônias ibéricas. Norberto diz que, ainda que os heróis argentinos sejam os verdadeiros iniciadores de uma tradição literária independente e nacional daquele país, os modelos que escolheram eram impróprios, pois faziam “[...] perder toda a naturalidade característica da filha dos bosques, essa musa Americana, trajando-a a grega com as vestes de clio” (SILVA, 1844, p. 295). Em desacordo com as escolhas estéticas da geração de 1810, Norberto enfatiza os poemas de caráter políticos desta geração e que fazem referências explícitas às guerras de independência do continente, como o poema “*A la victoria de chacabuco*”, do Argentino Esteban de Luca, que canta os esforços de San Martín para a libertação do continente. O nacionalismo de Norberto, entretanto, obriga-o a comparar as literaturas neoclássicas argentina e a brasileira, com vantagem, logicamente, para a segunda. Após comentar o poema de Esteban

de Luca, o crítico brasileiro apresenta um poema do “nosso Alvarenga Peixoto” e afirma ser “a superioridade do poeta brasileiro sobre o argentino [...] incontestável” (SILVA, 1844, p. 297).

O ponto alto da poesia argentina (assim como da brasileira), tanto para Norberto como para Gutiérrez, estava, entretanto, na poesia romântica, isto é, na poesia feita em uma América livre que não estava mais sobre a influência cultural intensa de suas metrópoles ibéricas, mas seguia quase *pari passu* um projeto estético romântico francês. De acordo com Norberto, a literatura argentina só encontraria seu caminho para a originalidade com Esteban Echeverría, a quem o crítico chama de “o Magalhães argentino” (SILVA, 1844, p. 301), em referência a Gonçalves de Magalhães, o autor de *Suspiros poéticos e saudades* (1836), o primeiro livro autodenominado romântico da poesia brasileira. Magalhães, como Norberto, também era membro do IHGB e amigo próximo do próprio crítico e de Dom Pedro II, imperador do Brasil e o maior mecenas do período. É somente com Echeverría que, de acordo com Norberto, a “[...] nova época desponta na litteratura argentina, que toma huma physionomia mais Americana, com menos visos de hespanhola, e mais interessante, por isso mesmo se torna[ndo] mais original.” (SILVA, 1844, p. 301). Somente com Echeverría, para ambos os críticos, a literatura argentina encontraria sua própria voz (romântica) e começaria a se interessar de forma mais sistemática por temas americanos como a natureza e os habitantes nativos das Américas e, assim, deixaria os paradigmas ibéricos para trás entrando em uma nova era.

O ponto mais interessante do ensaio de Norberto, entretanto, é quando este faz sua própria leitura do poeta Juan Cruz Varela, também analisado por Gutiérrez e já mencionado por nós. Ao ler o maior dos poetas de 1810, louvado por Gutiérrez, as diferenças políticas entre o monarquista Norberto e o republicano Gutiérrez, além de suas diferentes relações com os poderes estabelecidos, ficam evidentes. Norberto é extremamente crítico em relação ao liberal Varela e diz ser “[...] o cunho da mediocridade [que] sella todas as suas composições; seu estylo fofo e declamatório nada tem de elegância nem de belleza, e peca frequentemente em repetições que nenhuma graça tem.” (SILVA, 1844, p. 299). Esta é, se nos lembrarmos da leitura feita por Gutiérrez, uma leitura contrária à feita pelos românticos argentinos. Escrevendo em um momento quando o Brasil e a Argentina se enfrentavam pelo controle do que viria a ser o Uruguai, Varela, um poeta engajado politicamente em seu país, faz uso de sua poesia para defender os interesses argentinos na região e questionar o caráter expansionista e retrógado do império brasileiro. Para tanto, Varela dá voz em sua poesia a sentimentos liberais e anti-monárquicos, aspectos vistos com bons olhos por Gutiérrez, mas que, para o monarquista Norberto, eram motivos suficientes para ignorar as qualidades estéticas do poeta. Seu posicionamento político, sua vida na corte e no IHGB parecem afetar, assim, a independência e precisão de seu julgamento literário. Na recusa à poesia de Varela,

Norberto não deixa dúvida quanto aos seus posicionamentos ideológicos e o papel que estes tomam em sua leitura do poeta:

Resta-me ainda fallar em tres producções deste poeta; huma das quaes insulta atrozmente ao fundador do Quinto império e cobre de injurias o nome dos Brasileiros, e as duas ultimas se dirigem contra a santidade da religião christã com um descaramento incrível e ambas notáveis pela altivez com que o autor se proclama e arvora no mais acérrimo representante das doutrinas irreligiosas da escola volteriana do Rio da Prata. (SILVA, 1844, p. 300).

O intelectual “liberal” Norberto, portanto, sente-se bastante ofendido, em seu orgulho religioso e nacionalista, pela poesia de Varela. E, apesar de sua carapuça liberal, defende o império com unhas e dentes, pois, conscientemente ou não, estava inscrito no rol de ideólogos do regime. Ao rejeitar a poesia de Varela, Norberto coloca seu trabalho de crítico a favor da coroa e das elites cariocas, revelando sua aliança a um projeto político específico, isto é, ao projeto de Brasil da elite imperial que, em última instância, financiava sua geração de intelectuais através do IHGB.

A leitura ideologicamente tendenciosa de Norberto, entretanto, não diminui a importância histórica de seu ensaio. Com ele, Norberto estabelece um precedente para se comparar às literaturas do Brasil e da Argentina e, também, colabora para fazer a literatura daquele país a melhor conhecida no Brasil. E, ainda que as ideias ‘liberais’ de Norberto sejam algo comprometidas por sua relação com as elites do segundo império, seu papel organizador continua como um importante aspecto que possibilitou o surgimento de outra geração de críticos, já mais independentes e modernos do que ele, como o próprio Sílvio Romero, já citado anteriormente. O esforço de Norberto e demais intelectuais do período em organizar a literatura brasileira e defender a independência cultural e política do país, feita, em parte, nas páginas da própria *Minerva Brasiliense*, não passara despercebido por Gutiérrez (1979a, p. 282) que, em uma carta para Esteban Echeverría, datada de Agosto de 1844, comenta a importância deste periódico para o Brasil, ainda que reconheça a juventude e dificuldades desta geração: “[...] *la juventud brasilera hace fuerzas para la independencia de la literature, pero tienen algo de flojo los ensayos. Redactan la Minerva Brasilica con este objeto.*” E, nesta mesma carta, Gutiérrez (1979a, p. 282) diz a Echeverría que, durante seu exílio no Brasil, conheceu um promissor poeta brasileiro chamado Gonçalves de Magalhães e conclui escrevendo que “[...] *la carrera de este joven tiene algo de parecida con la de V[os]. Estudió en Europa; a su regreso dio a conocer, bajo el título de Suspiros poéticos, un libro de poesías bajo la inspiración moderna [...] que hizo revolución.*”

A comparação entre Echeverría e Magalhães também é feita por Norberto e mostra que mesmo com viéses ideológicos diferentes, as leituras dos críticos se sobrepõem em diversos aspectos, com ênfase para seus julgamentos estéticos. Ou,

em outras palavras, que apesar de sua posição ideológica (seu autoproclamado liberalismo) estar algo comprometida por sua relação com o governo imperial e as elites brasileiras, seu julgamento literário parecia ainda estar em sintonia com o de seus contemporâneos argentinos. Em outra carta de dezembro do mesmo ano, mas agora de Echeverría para Gutiérrez, Echeverría fala com entusiasmo da *Minerva Brasiliense* e, em particular, do ensaio de Norberto sobre literatura argentina publicado neste periódico. Tendo lido o artigo, o poeta argentino, retratado com louvor por Norberto no mesmo, retribui os elogios a Norberto ao escrever para Gutiérrez dizendo ter o crítico brasileiro um “*buen criterio literario*” e um “[...] *conocimiento poco común, aún entre nosotros, de la literatura argentina.*” (GUTIÉRREZ, 1979a, p. 291). Echeverría é extremamente positivo em relação ao texto do brasileiro que, não por acaso, como já mencionado, é bastante elogioso em relação ao trabalho do poeta argentino. Não se detendo sobre os exagero ou as omissões do ensaio de Norberto, aspectos já discutidos por nós, Echeverría sugere a seu amigo, que se encontrava exilado no Rio de Janeiro, que “*procure relacionarse con el autor de ese artículo y estimularle a continuar sus indagaciones*” (GUTIÉRREZ, 1979a, p. 291). Echeverría também expressa sua intenção de tentar republicar o ensaio de Norberto no Chile, onde parte da *intelligentsia* liberal argentina, que ele próprio se encontrava.

Gutiérrez (1979a, p. 293), entretanto, é mais cético que seu amigo e, mesmo antes de ler o ensaio de Norberto, questiona a real profundidade e exatidão de um ensaio sobre a literatura argentina escrito por um jovem crítico brasileiro: “*No he podido obtener todavía la Revista o Minerva Brasileira que se ocupa de nuestra literatura; pero no puedo persuadirme que sea exacto, aunque se haga justicia a algunos de nuestros escritores.*” Gutiérrez expressa, também, vontade de publicar suas próprias notas sobre a história da literatura argentina, corrigindo, assim, os possíveis erros e falhas do texto de Norberto. Apesar de céticos, os comentários de Gutiérrez sobre o texto de Norberto reforçam a importância do mesmo e a importância deste diálogo. De acordo com Pedro Luiz Barcia (1999), o ensaio do crítico brasileiro é, de certa forma, o primeiro panorama da literatura argentina feita a partir de um ponto de vista romântico, precedendo, inclusive, os ensaios do próprio Gutiérrez (ver, também, WEINBERG, 1961, p. 34). As críticas imaginadas por Gutiérrez sobre o texto do brasileiro são, entretanto, corretas e apontam para os limites e desvios tendenciosos do estudo de Norberto. Apesar de seu ceticismo, Gutiérrez seguirá a sugestão de Echeverría e fará contato com o crítico brasileiro. Em uma outra carta a seu amigo, já depois de conhecer o crítico brasileiro, Gutiérrez (1979a, p. 294) diz ser Norberto “[...] *un joven modesto entregado de buena fe y con buenos antecedentes a la cultura de las letras.*” E, nesta mesma carta, informa Echeverría que, como havia prometido anteriormente, escrevera seus apontamentos sobre literatura argentina e que o próprio Norberto os “*está traduciendo [...] para la Minerva*”, estabelecendo, assim, um dos primeiros diálogos direto entre dois

críticos literários destes países. Ao terminar sua carta, Gutiérrez (1979a, p. 294) sugere que também seu amigo escreva para Norberto, ajudando consolidar “[...] esta relacione porque *puede ser muy importante para en adelante*.” Os apontamentos de Gutiérrez, entretanto, não chegaram a ser publicados e a *Minerva Brasiliense* foi descontinuada menos de um ano depois da carta suprarreferida. O texto escrito por Gutiérrez não foi encontrado em nenhum arquivo até o momento, existindo somente sua referência nas cartas deste para Echeverría. O interesse do crítico argentino pela literatura brasileira, entretanto, continuou existindo no decorrer da sua carreira.

Pouco mais de dez anos após o ensaio de Norberto, seria a vez de Gutiérrez retribuir o estudo e publicar na Argentina um artigo sobre literatura brasileira. Aproveitando a ocasião da escrita de uma resenha do poema épico *A confederação dos Tamois* (1856), de Gonçalves de Magalhães, Gutiérrez publica, em 1857, no jornal argentino *El Orden*, um breve panorama das letras brasileiras, com ênfase para o poeta d’*Os suspiros poéticos e saudades*. Assim como Norberto, Gutiérrez (2007, p. 176) explora as possibilidades comparativas entre as duas jovens tradições literárias e afirma que “[o]s Índios tamoios foram para a cidade do Rio de Janeiro o que os *querandies* [foram] para Buenos Aires – os primitivos e denodados habitantes da terra em que o conquistador europeu plantou a cruz afixando-a com a espada.” Assim como o texto de Norberto, o ensaio de Gutiérrez oferece uma janela tanto para as semelhanças dos modelos românticos de ambos como para as já discutidas diferenças de posicionamento político entre as *intelligentsias* brasileiras e argentinas. Em seu texto, Gutiérrez (2007, p. 176) traça elogios às escolhas temáticas de Magalhães, seu uso de “crônicas e lendas pátrias” que, como já discutimos, também eram essenciais para Norberto e uma forma de defender a independência das tradições nacionais do Brasil e da Argentina. Gutiérrez elogia Magalhães por seu uso de paisagens exuberantes e suas descrições que relembavam *tableaux* de natureza tropicais como os de Alexander von Humboldt (1769-1859), entre outros. Para ele, Magalhães “não pinta senão com cores americanas” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 194), uma característica central dos movimentos românticos em ambos os países que buscavam encontrar a originalidade de suas literaturas em paisagens e temas nacionais.

Também repetindo Norberto e sua própria carta de 1845, Gutiérrez (2007, p. 180) esboça novamente uma comparação entre Magalhães e Echeverría: “[...] o senhor Magalhães apareceu como Echeverría quando menos se esperava, trazendo como este o sentimento, o colorido, a melancolia e o perfume religioso que transpiram nas composições de Chateaubriand e Lamartine.” Assim como Norberto, Gutiérrez vê nos dois pioneiros da poesia romântica no Brasil e Argentina o auge de suas respectivas tradições literárias e uma prova tanto da independência destas tradições como do potencial da literatura no continente Americano. Ao estabelecer as semelhanças entre os dois poetas, entretanto, Gutiérrez também aponta para algumas importantes diferenças, não mencionadas por Norberto. Quando o crítico

argentino conheceu Magalhães, durante seu exílio no Brasil em 1844, o poeta trabalhava “como secretário do ilustre Barão de Caxias na hábil pacificação do Rio Grande” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 181).

No mesmo período, diferentemente de Magalhães, Echeverría, como enfatiza o crítico argentino, havia deixado “seus bens de fortuna e seu país”, exilando-se no Chile para escapar da ditadura de Rosas, onde “[...] foi morrer prematuramente em terra estranha em meio de uma Guerra civil encarniçada cujo término não podia prever.” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 181). Gutiérrez também menciona a dedicatória que Magalhães publica em seu poema, oferecendo este poema épico brasileiro para Dom Pedro II, então o imperador do Brasil e mecenas do próprio poeta. Não é de se estranhar, contudo, que tal dedicatória traria algum incômodo para o republicano Gutiérrez (2007, p. 182): “[...] chama-nos a atenção esta dedicatória porque um poeta, ao pôr uma produção sua em mãos de um monarca, necessita para não passar por lisonjeiro fundar sua predileção em razões que honrem ao autor e ao mecenas.” E, mesmo que o crítico argentino perdoe o poeta brasileiro por sua dedicatória ao imperador, que se apresentava como amigo das letras, ele faz questão de lembrarmos que Echeverría, vivendo em exílio, não poderia ter oferecido seus livros a um “mandatário de estima fama” e, assim, acabou por oferecer seus versos aos seus amigos e companheiros de exílio e luta contra o totalitarismo de Rosas: “[p]or isto na primeira edição dos *Consuelos* cada composição está dedicada a um de seus amigos íntimos.” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 182). Em suma, ainda que Magalhães e Echeverría tenham semelhanças, Gutiérrez faz questão de reconhecer suas diferenças, mostrando os diferentes contextos nos quais os poetas escrevem e valorizando mais os versos e a vida de seu combativo amigo que a poesia oficial de Magalhães.

Gutiérrez (2007) também situa Magalhães dentro de uma tradição nacional brasileira, ligando-o a Basílio da Gama (1740-1795) e Santa Rita Durão (1722-1784), autores de outros dois épicos nacionais com temas indígenas, escritos ainda durante o período colonial: *O Uruguary* (1769) e *Caramuru* (1781). A partir desta linha épica, Gutiérrez aponta nas letras brasileiras uma maior continuidade entre o período colonial e independente. Continuidade que, segundo ele, era resultado da unidade territorial e política do país após 1822. Ao passo que a América Espanhola se desmembrara em diversos países e sofrera com a presença de inúmeros caudilhos, o Brasil se mantivera após sua independência territorialmente uno e sobre controle da monarquia de origem portuguesa. Esta continuidade, para o crítico argentino, dificultara o rompimento entre os períodos coloniais e independentes, ainda que tenha permitido a formação no Brasil de uma elite letrada mais numerosa e coesa do que, por exemplo, na Argentina: “[...] havendo-se conservado a unidade nacional do Império, não houve ali a dispersão na família dos poetas anteriores e posteriores à emancipação, formando todos um parnaso mais numeroso, mais homogêneo e também mais característico.” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 180). Gutiérrez, portanto,

não vê no Brasil a mesma cisão que ocorre na Argentina após 1810, e reconhece a continuidade que representava o império brasileiro, fato não reconhecido por Norberto, mas que, de acordo com Gutiérrez, teria consequências literárias. Em literatura, para o crítico argentino, esta continuidade entre os períodos e as tradições colonial e pós-colonial diminuía o caráter independente do movimento romântico brasileiro, fazendo-o menos original e revolucionário do que o mesmo movimento na Argentina, onde, segundo ele, esta cisão seria mais profunda.

Os diferentes tons usados pelas *intelligentsias* brasileira e argentina e, mais especificamente, por Gutiérrez e Norberto para falar de colonialismo, monarquia, do papel da igreja no estado moderno etc. também ficam evidentes no ensaio de Gutiérrez (2007). O escritor Argentino sugere que Magalhães, e a literatura brasileira em geral, não são críticos suficientes do colonizador ibérico e de suas instituições. Outro fruto da já citada continuidade entre os períodos colonial e independente do Brasil que Gutiérrez acreditava existir. Em seu poema épico, Magalhães escolhe, na luta entre nativos e jesuítas, seguindo Chateaubriand, os nativos como representantes do mal. Todavia, Gutiérrez (2007, p. 197) entende que a escolha deveria ser outra e, em desacordo com o poeta, escreve: “Tudo isto é muito belo. Seria, porém, mais natural e não menos poético, pôr no coração de um europeu influente as paixões e as vinganças do anjo caído.” O crítico, então, oferece um contra exemplo, citando o poema “Araucana”, de Alonso Ercilla (1533-1594), publicado no século décimo sexto, e que apresentava a combatividade que ele gostaria de ver também nas letras brasileiras: “[...] o autor da *Araucana* disse terminantemente que os conquistadores espanhóis, mais que outras gentes, eram: ‘Adúlteros, ladrones, insolentes’.” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 197). Seria este, portanto, o tom desejado por Gutiérrez e que ele não encontra em Magalhães ou na literatura brasileira em geral. De certa forma, ele deseja ver na literatura do Brasil o engajamento e a combatividade da literatura da Argentina, seu interesse por ideais liberais, e sua repulsa ao colonialismo e ao autoritarismo das ditaduras que sucederam este período. O que ele encontra, entretanto, é o criticismo ameno e anódino de Norberto e Magalhães que, apesar de se dizerem liberais, estavam fortemente ligados a um governo imperial, escravista e, portanto, para Gutiérrez, retrógado e, assim, não podiam levar a cabo as ideias liberais e românticas, às quais diziam subscrever, mas que muitas vezes eram demasiadamente radicais para o contexto brasileiro. Contudo, Gutiérrez (2007, p. 197) termina sua resenha do poema de Magalhães em uma nota positiva e diz que “[...] o Senhor Magalhães fez com seu poema um serviço às letras americanas [...]”, além de reconhecer o avanço que este representou para a literatura brasileira, colocando-a na direção de uma maior independência e originalidade em relação às matrizes europeias.

As diferenças entre os ideários dos dois críticos e a independência de suas críticas, entretanto, ficam escritas nas entrelinhas dos trabalhos de ambos, mostrando os limites que as condições políticas locais impunham para os usos

que estes faziam das matrizes liberais europeias e nos mostrando como estes contextos diferentes foram fundamentais na diferenciação e formação destas duas tradições.

LOTUFO, M. F. Joaquim Norberto de Sousa Silva and Juan María Gutiérrez: political and literary criticism in Brazil and Argentina in the beginning of the 19th-century. *Itinerários*, Araraquara, n. 41, p. 259-275, jul./dez. 2015.

- **ABSTRACT:** *This comparative study explores the similarities and differences between the early 19th-century romantic movements in Brazil and Argentina. It focuses on the role these different political contexts exerted on their literate communities in this period. Therefore, the comparison will be made taking into consideration the works of two main literary critics of the first two thirds of the nineteenth century in each country – Joaquim Norberto de Sousa e Silva and Juan Maria Gutierrez – and their relations with their governments, as a way to offer an explanation for the different developments these literatures had in the period.*
- **KEYWORDS:** *Romanticism. Brazil and Argentina. Joaquim Norberto de Sousa Silva. Juan María Gutiérrez. Literature and politics.*

REFERÊNCIAS

- AMANTE, A. **Poéticas y políticas del destierro:** argentinos en Brasil en la época de Rosas. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.
- ANDERSON, B. **Imagined communities.** New York: Verso, 2006.
- BARCIA, P. L. **Historia de la historiografía literária argentina:** desde sus Orígenes hasta 1917. Buenos Aires: Ediciones Pasco, 1999.
- CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira.** Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.
- CARDOSO, F. H.; FALETTO E. **Dependência e desenvolvimento na América Latina:** ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- GARRAMUÑO, F. **Modernidades primitivas:** tango, samba y nación. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2007.
- GUTIÉRREZ, J. M. **Críticas y narraciones.** Prólogo de Alberto Pacos. Buenos Aires: Jackos, [19--].
- _____. **Juan Cruz Varela:** su vida, sus obras, su época. Buenos Aires: Vaccaro, 1918.

_____. **Archivo del Doctor Juan María Gutiérrez**: epistolário. Buenos Aires: Biblioteca del Congreso de la Nación, 1979a. tomo 1.

_____. **La literatura de Mayo y otras páginas críticas**. Selección y prólogo de Beatriz Sarlo. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1979b.

_____. Um poema brasileiro. MAGALHÃES, D. J. G. **A confederação dos Tamoios**: edição fac-similar seguida da polêmica sobre o poema. Organização de Maria Eunice Moreira e Luís Bueno. Curitiba: Edições UFPR, 2007. p. 186-198.

MICELI, S. **Vanguardas em retrocesso**. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

MOREIRA, M. E. Hermanos e irmãos: as relações literárias entre os românticos argentinos e brasileiros durante o romantismo. **Teresa**, São Paulo, v. 12/13, p. 79-93, 2013.

_____. **Um rato de arquivo**: Joaquim Norberto de Souza Silva e a história da literatura brasileira. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/fale/pos/historiadaliteratura/textosraros/rato.htm>>. Acesso em: 5 abr. 2014.

NEWCOMB, R. P. **Nossa and Nuestra América**: Inter-American Dialogues. West Lafayette: Purdue University Press, 2012.

RAMA, A. **La ciudad letrada**. Montevideo: ARCA, 1998.

ROJAS, R. **Historia de la literatura Argentina**. Buenos Aires: Segundo Millar, 1925. v. 6.

SCHWARZ, R. **Ao vencedor as batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: editora 34, 2000.

SILVA, J. N. S. Indagações sobre a literatura argentina contemporânea. **Minerva Brasileira: Jornal de Ciências, Letras e Artes**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 294-301, 15 mar. 1844.

_____. **Capítulos de história da literatura brasileira e outros estudos**. Edição e notas José Américo Miranda e Maria Cecília Boechat. Belo Horizonte: Editora UFMG/FALE, 2001.

_____. **Crítica reunida**: 1850-1892. Organização, introdução e notas de José Américo Miranda, Maria Eunice Moreira e Roberto Acizelo de Souza. Porto Alegre: Nova Prova, 2005.

SOMMER, D. **Foundational fictions**. Berkeley: University of California Press, 1991.

WEINBERG, F. **El salón literário**. Buenos Aires: Librería Hachette, 1954.

*Joaquim Norberto de Sousa Silva e Juan María Gutiérrez:
crítica literária e política no início do século XIX no Brasil e na Argentina*

_____. **La literatura argentina por un crítico brasileño en 1844.** Rosario: Universidade del Litoral, 1961.

Recebido em 27/10/2014

Aceito para publicação em 13/04/2015



